

## Resenha

### **As estrelas: mito e sedução no cinema**

(MORIN, Edgar. Tradução [da 3. ed. Francesa] Luciano Trigo. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989)

Hedilberto Pessoa BERTO JÚNIOR<sup>1</sup>

Seja na TV, jornal, revista ou redes sociais, quando uma celebridade midiática passa a ser estampada no dia a dia das pessoas, ela pode influenciar em vários aspectos essa rotina, criando novas expressões, costumes e inspirações das mais variadas possíveis, graças, sobretudo, aos afetos que geram nos consumidores desses conteúdos.

Muito além do simples gostar, em *As estrelas: mito e sedução no cinema*, Edgar Morin indica não somente os caminhos que percorrem os fãs para construir subjetividades acerca de seus ídolos, as estrelas, como também toda a teia de complexidade que envolve essa relação, que começa no processo de transformação de uma simples pessoa em “deus midiático”, através do *star system*, até o momento em que a mesma é perseguida por legiões de fanáticos nas ruas.

Em primeiro lugar, para compreender o processo de idolatria e apreensão imagética entre as estrelas e seus seguidores, é preciso fazê-lo de maneira multidimensional, isto é, relacionando-o com: 1) os caracteres fílmicos da presença humana na tela e a questão do ator; 2) a relação espectador-espetáculo, isto é, os processos psicoafetivos de projeção-identificação particularmente vivos nas salas escuras; 3) a economia capitalista e o sistema de produção cinematográfica e 4) a evolução sócio histórica da civilização burguesa.

Com apuração e ritmo que só um apaixonado pela sétima arte poderia ter, Edgar Morin apresenta uma análise detalhada, que caminha pelos bastidores do cinema, pelas artimanhas do sistema criador de estrelas hollywoodianas, o *star system*, e não esquece

---

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Culturas Midiáticas (PPGC) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

de contar que os espectadores também são beneficiados nesse processo, já que daquela representação midiática são apreendidas subjetividades que vão fazer parte do íntimo do indivíduo, afetando seu modo de ser.

Apesar de ser publicado em 1957, pela editora *Les Seuil*, em Paris, com tradução no Brasil em 1989, pela editora José Olympio, o livro é uma excelente base para quem deseja estudar as relações entre fãs e ídolos na contemporaneidade, sobretudo pela aproximação que as novas tecnologias da informação trouxeram para essas pessoas, mostrando que o estudo é forte suficiente para transitar por várias décadas sem perder seu poder analítico.

Com 162 páginas, o livro é dividido em duas partes. A primeira e maior delas, com 107 páginas e seis capítulos, mostra como o *star system* transforma uma simples pessoa em ídolo das multidões, uma “estrela-deusa”, como afirma o autor. Edgar Morin mostra que, nas grandes produções cinematográficas, tudo é minuciosamente pensado para fazer com que o espectador seja fisgado pelas estrelas e que, a partir delas, possam criar uma série de subjetividades, transformando aquela imagem física, a da tela, em diversas imagens mentais, na alma do ser.

A alma, segundo o teórico, é “precisamente o lugar de simbiose no qual imaginário e real se confundem e se alimentam um do outro; o amor, fenômeno da alma que mistura de maneira mais íntima nossas projeções-identificações imaginárias e nossa vida real, ganha mais importância” (p.11).

Da reprodução cinematográfica o espectador vai construir uma série de significados, que será variado de acordo com o banco idiossincrático de quem assiste, podendo ser aquela imagem transformada em sinônimo de força, beleza, sensualidade, etc. Apesar das várias possibilidades de apreensões imagéticas, tudo que é colocado em cena é medido e pensado para assim acontecer, ou seja, despertar sensações no público, que passam a divinizar seus ídolos.

Além da maquiagem e das intervenções plásticas nos atores, a divinização das estrelas é potencializada pelo vestuário e pela fotografia. Para começar, as roupas das estrelas distinguem-se dos personagens secundários dos filmes, seu corpo é valorizado para que o mesmo aconteça do outro lado da tela, para que os espectadores enxerguem naquela imagem uma harmonia pitagórica e tenha empatia por ela.

A câmera deve sempre levar em conta os ângulos de filmagem para corrigir a altura das estrelas muito baixas, selecionar o perfil mais sedutor, eliminar de seu enquadramento qualquer infração à beleza. (...) os figurantes vestem roupas. A estrela é vestida. Seu vestuário é um adorno. No coração do faroeste, a estrela troca de roupa a cada sequência. A elegância supera a verossimilhança. O estético domina o real. (p. 30-31)

Mesmo valorizando essas imagens, apresentando-as em certo nível de perfeição, o *star system* não quer afastá-la da realidade dos indivíduos “comuns”, os espectadores. Isso porque, na análise de Edgar Morin, essas estrelas têm que parecer divindades, transmitir sensações de beleza e poder, porém devem “tocar” os demais mortais, uma vez que eles precisam sentir empatia por ela, se colocar naquele lugar, concluir o processo de projeção-identificação.

A maquiagem, que diminui ‘a eloquência da face’, lhe confere uma nova eloquência. Se despersonaliza a estrela, é para superpersonalizá-la. O seu rosto pintado é um tipo ideal. Essa idealização, adocicada ou não, é o fardo que a pintura impõe à verdade. A maquiagem acentua, estiliza e realiza definitivamente a beleza sem falhas, harmoniosa e pura. (p.29)

Por essa razão, na transição do cinema mudo para o sonoro, as atrizes foram pouco a pouco perdendo a teatralidade das maquiagens, que deixaram de ser pesadas e marcantes, para ganhar um visual mais leve e próximo do “real”. Agora, ao assistir a essas projeções, os espectadores podem espelhar-se naquela figura com mais contundência, já que a perfeição da tela não foge à realidade, é assimilável.

A partir dessa projeção-identificação, os espectadores vão se colocar no lugar daquela estrela, vão apreender e sentir sensações que são passadas a partir das subjetividades emanadas por ela e transportada e transformada no interior dos fãs. O espectador vive, no nível psíquico, a vida imaginária, intensa, valorosa, apaixonada dos heróis dos filmes, isto é, identifica-se com eles (p. 64). De acordo com Edgar Morin, toda informação traz algum segredo que permite ao leitor apropriar-se de uma parcela da intimidade da estrela. Qualquer um, eventualmente, poderá incorporar a si mesmo essa parcela, adaptando penteados, maquiagens, *toilettes*, assimilando, assim, a matéria assimilável por natureza, “a alimentação da estrela” (p.69).

A segunda parte do livro é menor, composta de apenas quatro capítulos e 51 páginas, que aprofundam o estudo analisando a vida de três grandes estrelas do século 20: James Dean, Marilyn Monroe e Ava Gardner. Apesar de ser pontual na análise, o

autor levanta aqui as principais problemáticas de estar inserido em um sistema que sempre visa o lucro e, para isso, vende a estrela como uma mercadoria, produto de culto das multidões. É mostrado o que há por trás de toda a glória criada pelo *star system*: a solidão, tristeza e suicídio de quem vive nele (p.129-132).

Trazendo o estudo para contemporaneidade, é fácil perceber o quanto a análise de *As estrelas: mito e sedução no cinema* é importante para os Estudos Culturais. Tomando como base a análise, é possível perceber que a evolução tecnológica dos meios de comunicação foi (e continua sendo) essencial para mudar as relações entre “divindades” midiáticas e seus fãs. No anos 30, como afirma o autor, a popularização do cinema sonoro foi um dos principais fatores que contribuíram para essa aproximação. A fala, segundo o autor, fez com que as estrelas ficassem mais humanas, menos marmóreas, porém mais amadas.

A veneração sede lugar à admiração. São (...) menos sublimes, todavia mais amadas. E, assim como determinados deuses do panteão da Antiguidade se metamorfoseavam em deuses-heróis da salvação, as estrelas-deusas humanizam-se, tornam-se novos mediadores entre o mundo maravilhoso dos sonhos e da vida cotidiana (p.20-21)

Se a sonorização e a estética da maquiagem nos filmes foram essenciais para aproximar os ídolos de seus fãs, potencializando os processos de projeção e identificação dos mesmos com seus cultuados, na atualidade esse processo é ainda mais forte, graças às redes sociais como *Facebook*, *Twitter* e *Instagram*, que permitem, em poucos cliques, que os usuários estejam mais próximos dos seus atores e cantores preferidos.

Dessa forma pode-se afirmar que, apesar de ter o cinema e suas estrelas como pano de fundo de sua análise, *As estrelas: mito e sedução no cinema* é, antes de tudo, um estudo sobre os processos de simbiose entre as representações midiáticas e seus consumidores. Apesar de analisar as produções fílmicas e o *star system* que o rege, é possível encontrar as teorias e questionamentos de Edgar Morin nas análises contemporâneas.

A estrela contemporânea não precisa estar nas grandes telas do cinema ou na capa de revistas para ser consumida. Ela não depende de linhas editoriais ou horário na grade televisiva de determinada emissora para ser apresentada ao público. Basta ligar o

computador ou conectar a WiFi através de um smartphone para que elas adentrem na vida de seus fãs, postando textos, imagens e vídeos, que vão potencializar essa aproximação, permitindo que esses seguidores apreendam, no nível imagético, as mais variadas subjetividades, como qualidades, defeitos ou tantas outras formas do afeto.

Portanto, *As estrelas: mito e sedução no cinema* é uma excelente ferramenta para quem busca entender melhor as relações de poder e veneração entre as personalidades midiáticas e seus seguidores, mostrando, de forma inteligente e explicativa, que por trás da fascinação aos “deuses” midiáticos e manobras do *star system*, existe um grande leque de matizes iridescentes que precisam ser bem analisadas. Assim, os Estudos Culturais e das representações midiáticas devem perpassar pelo dinâmico, pois, nas palavras do próprio autor, neste grande sistema trocas simbólicas “não estão apenas a imbecilidade dos fãs, a falta de criatividade dos cineastas, os acordos comerciais dos produtores. Está o coração do mundo. Está o amor, outra bobagem, outra humanidade profunda”(p.71).